



SEÇÃO: ARTIGO

Entre *Bom-Crioulo* e Amaro: pode um sujeito negro homossexual falar?

Between Bom-Crioulo and Amaro: can a Black homosexual subject speak?

Carolina Marinho

Marcílio¹

orcid.org/0000-0001-6141-2760
jornalista.cmarinho@gmail.com

Elisamar Pereira

Martins¹

orcid.org/0000-0002-1776-4360
helisafollow@gmail.com

Yago Jose Eloi do

Nascimento¹

orcid.org/0000-0003-2529-2583
yagog3eloy@gmail.com

Luciana de Mesquita

Silva¹

orcid.org/0000-0002-5239-8079
luciana.cefetrj@gmail.com

Recebido em: 29 set. 2020.

Aprovado em: 6 abr. 2021.

Publicado em: 9 nov. 2021.

Resumo: Neste artigo, temos como objetivo discutir a representação do sujeito subalterno na literatura de Adolfo Caminha, a partir do romance *Bom-Crioulo* (1895). Para tanto, utilizamos o conceito de subalternidade com base nos pensamentos de Gramsci (1999, 2000) e Spivak (1987, 2014) em articulação com questões de raça, gênero e sexualidade e abordamos os movimentos literários Realismo e Naturalismo no Brasil, em diálogo com as questões sociais relativas ao final do século XIX, época em que a obra de Caminha foi publicada. Pautados nesses pressupostos teóricos, analisamos a construção do personagem Amaro, protagonista do referido romance, com foco na masculinidade negra e em questões de afetividade, considerando-se sua condição de sujeito subalterno por ser negro e homossexual.

Palavras-chave: Subalterno. Literatura. *Bom-Crioulo*. Personagem negro homossexual.

Abstract: In this article, we aim to discuss the representation of the subaltern subject in Adolfo Caminha's literature, regarding the novel *Bom-Crioulo* (1895). To do so, we use the concept of subalternity based on the thoughts of Gramsci (1999, 2000) and Spivak (1987, 2014) in conjunction with issues of race, gender and sexuality. We also approach the literary movements Realism and Naturalism in Brazil, in dialogue with the social issues related to the end of the 19th century, when Caminha's work was published. Based on these theoretical assumptions, we analyze the construction of the character Amaro, protagonist of the referred novel, with a focus on black masculinity and on issues of affectivity, considering his condition as a subaltern subject for being black and homosexual.

Keywords: Subaltern. Literature. *Bom-Crioulo*. Black homosexual character.

Introdução

Neste estudo, partimos do conceito de subalternidade (GRAMSCI, 1999, 2000; SPIVAK, 1987, 2014) para refletirmos sobre questões ligadas à experiência social e cultural de determinados grupos sociais submetidos a um sistema de poder e subjugação que silencia e invisibiliza indivíduos. Nosso olhar tem como foco a representação desse sujeito subalterno na literatura, a partir de uma análise do romance *Bom-Crioulo* (1895), escrito por Adolfo Caminha.

Nascido em Aracati, no ano de 1867, o autor cearense foi um dos principais representantes do Naturalismo no Brasil. Antes de escrever textos para jornais e se dedicar à literatura, mudou-se para o Rio de Janeiro, onde se formou na Escola Naval e chegou ao posto de segundo-tenente. Como escritor, suas obras são marcadas por temas censurados, escan-



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

¹ Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (Cefet/RJ), Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

dalosos e trágicos para a literatura tradicional da época, como *A normalista* (1893), romance que traz uma história de incesto entre padrinho e afilhada. Antes de falecer, em 1897, vítima de tuberculose, o escritor lançou seu último romance em 1896, intitulado *Tentação*.

No que diz respeito a *Bom-Crioulo*, é um dos primeiros romances da literatura ocidental que abordam a temática da homossexualidade, o que causou grande escândalo na época de sua publicação. A obra traz em seu enredo um protagonista que destoa do padrão literário e social esperado para a literatura do final do século XIX. Trata-se de Amaro, um homem negro que, após fugir do local em que era mantido como escravidão, consegue ser aceito na Marinha, onde passa a ser chamado de Bom-Crioulo.

Neste contexto, ele conhece o aprendiz-marinheiro Aleixo, um jovem branco, de olhos azuis. Os dois começam uma vida marital em um quarto de pensão, no qual Bom-Crioulo passa seus dias admirando a pele branca de seu parceiro, o que lhe traz mais prazer do que consumir o ato sexual. Porém, Amaro é transferido do navio em que trabalhava com o grumete, o que dificulta a continuação dessa relação, abrindo espaço para que D. Carolina, a dona da pensão, seduza Aleixo, que acaba se rendendo à paixão por ela. Longe de Aleixo, Amaro fica doente e é transferido para um hospital-prisão, no qual mergulha no tédio da recuperação. Abandonado, descobre a traição de Aleixo, o que o incentiva a fugir do hospital em busca de respostas. Ao encontrar o ex-companheiro, Amaro o mata tragicamente à navalhada.

Diante dessas considerações, no presente artigo interessa-nos abordar a construção do personagem Amaro que, por representar uma figura subalterna na literatura, expõe tudo aquilo que o sistema de dominação se esforça para abafar. Nesse sentido, primeiramente, tratamos do conceito de subalternidade e sua relação com questões de raça, gênero e sexualidade. Em segundo lugar, promovemos discussões acerca dos movimentos literários Realismo e Naturalismo, atravessados por discursos e valores vigentes no final do século XIX, como ocorre com

a obra *Bom-Crioulo*. Buscamos refletir sobre como Amaro, sendo um homem negro e homossexual e, portanto, distanciando-se da normatividade imposta pela estrutura social dominante, pode ser interpretado pelo prisma da subalternidade. Por fim, procuramos considerar também se, ao projetar um personagem visto como tabu para o contexto narrativo e social da época em que o romance é ambientado, Adolfo Caminha, um autor branco, rompe com os discursos negativos ligados às características de Amaro para ressignificar as diversidades, ou se a narrativa acaba por reforçar discursos que validam as condições de exclusão para personagens que representam sujeitos inferiorizados, ilustrando a ideia de "se constituir o outro e o subalterno apenas como objetos de conhecimento por parte de intelectuais que almejam meramente falar pelo outro" (SPIVAK, 2014, p. 14).

1 O subalterno e sua complexidade: questões de raça, gênero e sexualidade

No livro *Cadernos do cárcere* (1999), o filósofo italiano Antonio Gramsci apresenta sua teoria e crítica a respeito do processo de organização do trabalho, que se articula entre a esfera da produção econômica e a vida social. Segundo o autor, nesse processo são estabelecidas algumas relações de poder entre as classes sociais, havendo uma divisão entre grupos dominantes e grupos subalternizados. Essa categorização tem o Estado como o principal aliado, visto que: "a função do Estado é precisamente a de conservar e reproduzir tal divisão, garantindo, assim, que os interesses comuns de uma classe particular se imponham como o interesse geral da sociedade" (COUTINHO, 1999, p. 123). Nesse contexto, o subalterno, ou as classes subalternas, são grupos inferiorizados por grupos dominantes que, por meio da violência física, cultural ou moral, mantêm e reforçam sua visão de mundo a partir da imposição de regras e de condutas pré-determinadas.

O termo "subalterno" não apresenta um sentido absoluto. Pelo contrário, trata-se de um conceito intrinsecamente amplo e complexo, utilizado

para a interpretação de diferentes experiências sociais de subordinação, desigualdade e exclusão de diversos grupos, seja por sua raça, classe, gênero ou por outras categorias que representam algum tipo de opressão, experiências essas que ocorrem "em determinadas condições e em determinadas relações sociais" (GRAMSCI, 2000, p. 18). Ao identificar o subalterno e elaborar teorias a seu respeito, Gramsci expõe sua visão crítica acerca das estruturas sociais que submetem os sujeitos a um certo tipo de exploração, construindo uma concepção marcada por sua aplicabilidade social, uma *práxis*, a partir da qual o indivíduo pode transformar esse exterior que o oprime em formas de libertação. Esse é, para o autor, "o ponto de partida de toda filosofia da práxis" (GRAMSCI, 1999, p. 315), um processo de disputa pela hegemonia cultural para a superação da condição de opressão histórica que aflige os subalternos e se articula no âmbito político, econômico e cultural.

Além de evidenciarem o sistema de opressão que divide a sociedade entre dominantes e dominados, as formulações sobre as identidades subalternas permitem construir argumentações sobre o modo como esses sujeitos podem se tornar ativos e operar mudanças nas estruturas sociais por meio do seu próprio agenciamento. Assim, conforme Gramsci (1999), o subalterno pode reivindicar o seu lugar na sociedade através de disputas e negociações. Contemporaneamente, essa visão tem se reforçado a partir de afirmações como a seguinte:

[...] se o subalterno era ontem uma coisa, hoje não mais o é: tornou-se uma pessoa histórica, um protagonista; se ontem era irresponsável, já que "resistia" a uma vontade estranha, hoje sente-se responsável, já que não é mais resistente, mas sim agente e necessariamente ativo e empreendedor (MONASTA, 2010, p. 84).

Baseando-se no pensamento de Gramsci, Spivak (2014) afirma que, além de serem aqueles "cuja voz não pode ser ouvida" (SPIVAK, 2014, p. 13), os sujeitos subalternos provêm das "camadas mais baixas da sociedade constituídas pelos modos específicos de

exclusão dos mercados, da representação política e legal, e da possibilidade de se tornarem membros plenos no estrato social dominante" (SPIVAK, 2014, p. 13). Spivak (1987) considera que "o subalterno está para o popular como o gênero está para o sexo, a classe para a pobreza, o estado para a nação"² (1987, p. 10, tradução nossa).

A autora defende a ideia de que o sujeito subalterno é distinto e plural e não deve ser essencializado, problematizando, assim, a aplicação do conceito de subalternidade para qualquer sujeito marginalizado. Também se propõe a refletir sobre os silenciamentos e a falta de espaço para que alguns grupos sociais possam projetar sua voz, ao ressaltar que: "[...] no contexto da produção colonial, o sujeito subalterno não tem história e não pode falar" (SPIVAK, 2014, p. 17). Seguindo essa perspectiva, a autora critica a produção discursiva daqueles que falam em nome ou sobre os subalternos, principalmente os intelectuais ocidentais, por entender que, ao estarem fora desse mecanismo de opressão, tais sujeitos não possuem uma alteridade em seu sentido pleno, sendo sempre atravessados pelos códigos do sistema dominante.

Desse modo, a fala do subalterno e do colonizado "é sempre intermediada pela voz de outrem, que se coloca em posição de reivindicar algo em nome de um(a) outro(a)" (SPIVAK, 2014, p. 16). De acordo com essa crítica, entendemos que a falta de questionamento a respeito de como são enxergados e retratados os subalternos nas teorias acadêmicas, nos livros e nas práticas sociais acaba por reforçar e reproduzir os códigos de poder e dominação que assolam os referidos sujeitos. Esses elementos epistemológicos e culturais se unem à complexidade da subalternidade, apresentando novas camadas de violência e silenciamentos para os indivíduos já presos ao mutismo.

A literatura, como um modo de produção cultural, pode ser uma ferramenta de expressão não só pela e para a classe dominante, mas também por e para aqueles que são emudecidos.

² Do original: Subaltern is to popular as gender is to sex, class to poverty, state to nation.

Assim, percebemos as pequenas mudanças na produção literária como brechas para se violar os silenciamentos. Considerando a perspectiva da representação do subalterno, Spivak nos atenta para a relação entre a ruptura da hegemonia ou a sua manutenção, salientando as tensões e os desafios de dar voz ao "sujeito historicamente emudecido" (SPIVAK, 2014, p. 114).

O distanciamento entre os autores e seus personagens se acentua quando esses escritores passam a falar em nome dos subalternizados, com classe, gênero e raça distantes da realidade dos mesmos, podendo ser atualizado o exercício da dominação através do poder simbólico. Bourdieu afirma que:

[...] os "sistemas simbólicos" cumprem a sua função política de instrumento de imposição ou de legitimação da dominação, que contribuem para assegurar a dominação de uma classe sobre outra (violência simbólica) dando o reforço da sua própria força às relações de força que as fundamentam e contribuindo assim, segundo a expressão de Weber, para a "domesticação dos dominados" (BOURDIEU, 2000, p. 11).

Portanto, para Spivak, relatar e participar do trabalho contra as opressões de classe está "inegavelmente na ordem do dia" (SPIVAK, 2014, p. 111), todavia existem precauções necessárias que são firmadas a partir do aprendizado e das críticas ao discurso pós-colonial que reforça as opressões. Tal perspectiva aponta para um olhar crítico que considere tanto o sujeito subalterno, quanto o seu meio de representação, reforçando o quanto o conceito de subalternidade é complexo e como é necessário um incessante trabalho de questionamentos a respeito das condições sociais e culturais que impedem a abertura de possibilidades de autonomia do subalterno, assim como propôs Gramsci.

Diante dessas teorizações, é a partir da presença e do reconhecimento da subalternidade que as diferenças podem ser resignificadas. Nesse sentido, a representação literária de figuras subalternas apresenta-se como uma possível ação contra-hegemônica, uma possibilidade de resistência a um sistema dominante que possibilita rupturas sociais a partir da diversidade cultural, como ocorre com o

livro *Bom-Crioulo*, de Adolfo Caminha, ao apresentar um protagonista negro e homossexual.

Fora dos padrões dos personagens comumente retratados na literatura brasileira do final do século XIX, Amaro, homem negro, está inserido em um contexto com alta circulação de ideias racistas e discriminatórias, em que a diferença racial – que tem como referente aquele que é branco – é vinculada a práticas discursivas que justificam a exploração e exclusão social dos afrodescendentes. Isso se potencializa pela data da primeira publicação da obra, 1895, ocorrida sete anos após a abolição da escravidão no Brasil em 1888, período marcado por discursos sociais e narrativas literárias que, em sua maioria, apresentavam o branco europeu como ideal e invisibilizavam ou marginalizavam os descendentes negros da África. É importante ressaltar que as diferenças entre os indivíduos, atribuídas à raça, não são pautadas em características biológicas. Conforme Hall (2003, p. 69), "'raça' é uma construção política e social; é a categoria discursiva em torno da qual se organiza um sistema de poder socioeconômico, de exploração e exclusão – ou seja, o racismo".

Amaro também se destaca por sua atração por um homem, distanciando-se do esperado, em um mundo regido por uma heteronormatividade, regime político e social que organiza e delimita as possibilidades sexuais e afetivas para homens e mulheres. Para Foucault (1996), a estrutura social é responsável pela criação de um sistema de controle, composto por regras e limitações. Os corpos que não se encaixam nessas normas pré-estabelecidas são oprimidos pelos signos e significados recorrentes nos discursos, nas falas, nos livros e em todo o imaginário social em que sexualidade se refere à heterossexualidade, e não há espaço para outras possibilidades (COLLINS, 2019, p. 226).

De acordo com Collins (2019), nos estudos de gênero, a sexualidade dos negros foi concebida como uma categoria "desviante" em relação aos padrões eurocêtricos normatizadores de heterossexualidade impostos socialmente, a qual se expressa em duas vertentes: a) na hiperssexualização dos corpos negros, por meio de uma ideia de excessivo apetite sexual e falta de controle,

sendo a sexualidade negra vista como "não natural, suja, doente e pecaminosa" (COLLINS, 2019, p. 226); e b) na homossexualidade. Nas palavras da autora, "embora se pense que o problema do desvio sexual dos africanos ou negros esteja em sua hiper-heterossexualidade, o problema da homossexualidade está ligado não ao excesso de desejo heterossexual, mas na aparente ausência dele" (COLLINS, 2019, p. 226).

Portanto, no romance *Bom-Crioulo*, Amaro confronta o que é esperado de um homem, e, sobretudo, de um homem negro. Desse modo, as singularidades do personagem, vistas como características subalternas nos âmbitos da diferença racial e também de gênero, ilustram como raça e gênero são indissociáveis. De acordo com Grada Kilomba (2019):

Esse encontro revela como "raça" e gênero são inseparáveis. "Raça" não pode ser separada do gênero nem o gênero pode ser separado da "raça". A experiência envolve ambos porque construções racistas baseiam-se em papéis de gênero e vice-versa, e o gênero tem um impacto na construção de "raça" e na experiência do racismo (KILOMBA, 2019, p. 94).

Esse cruzamento da discussão sobre gênero e raça serve como parâmetro para analisarmos de que modo, dentro de uma estrutura social, subjetividades como as representadas na literatura pelo personagem Amaro são construídas de forma estereotipada, com o objetivo de potencializar um sistema de repressão e manter a norma instituída, norma essa que é estabelecida por um grupo dominante conforme seus interesses. Nesse jogo, os subalternos são submetidos a esse sistema de poder e subjugação que se vincula ao indivíduo, tendo controlados não só o seu corpo físico, como também seus aspectos psicológicos, por discursos e narrativas que exercem uma função de controle, de limitação e validação de poder em diferentes períodos históricos e grupos sociais.

2 Realismo e Naturalismo no Brasil: literatura e relações sociais

Pautados em uma visão interdisciplinar, neste item explicitamos nossa afiliação a uma visão de

linguagem dialógica, que considera que a produção de discursos está/é sempre atravessada por outros discursos. Proposto por Bakhtin, "o dialogismo é o modo funcional e real da linguagem, é o princípio constitutivo do enunciado. Todo enunciado constitui-se a partir de outro enunciado. Portanto, nele ouve-se sempre, ao menos, duas vozes" (BAKHTIN, 1997 apud FIORIN, 2006, p. 24). Embasamos, ainda, nossa visão no poder de intervenção da linguagem (ROCHA, 2006, 2014), que longe de apenas representar o mundo o inventa e reinventa, por meio da produção de discursos. Partindo dessa concepção, compreendemos que a produção literária brasileira no final do século XIX, como é o caso da obra *Bom-Crioulo*, é atravessada por valores vigentes da época, entre os quais se faziam a classificação dos seres humanos em raças superiores e inferiores.

Esse conjunto de concepções reverberou por todo o país até as primeiras décadas do século XX e, principalmente, nas grandes cidades, como o Rio de Janeiro, que produziram, também, em suas instituições, modelos para se pensar como deveria ser esse novo Brasil moderno. É o que destaca Silva (2012) neste fragmento:

[...] a reurbanização do Rio não se constituiu apenas em alargamento de ruas e avenidas. Era, antes, uma revisão, uma "limpeza" urbana, um palimpsesto geográfico: mudando o regime de governo, a economia e a hierarquia social, era preciso mudar os ares dessa nova sociedade, e essa reforma era expressão de tal desejo de mudança. Uma mudança que desconsiderava o passado colonial, imperial, logo, agrário, atrasado (SILVA, 2012, p. 116).

Entre os pensamentos que nortearam o processo de modernização do país estavam o darwinismo social e a eugenia, teorias que tinham por objetivo o domínio de um grupo racial sobre outro e a manutenção de uma distância entre o colonizado e o colonizador. Segundo Filho (2018), o darwinismo social defendia a superioridade intelectual do homem europeu e muitos pensadores da época acreditavam que a miscigenação era um dos fatores responsáveis por levar o Brasil ao declínio e ao atraso. É o caso de Silvio Romero, um dos maiores representantes dessa doutrina no país:

Esse intelectual elegia o mestiço como o produto final de uma raça em formação. Utilizando de forma pouco ortodoxa as máximas poligenistas da época, Romero encontrava na mestiçagem o resultado da luta pela sobrevivência das espécies, como estabeleciam as teorias deterministas da época. Porém, paradoxalmente, ao invés de condenar a hibridação racial, seguindo os modelos evolucionistas sociais, esse autor encontrava nela a futura "viabilidade nacional" (SCHWARCZ, 1993, p. 154).

Romero afirmava que a mestiçagem, baseada em uma mistura de brancos, negros e indígenas, seria uma maneira para se pensar a identidade nacional. Entretanto, essa teoria assimilacionista tinha como objetivo mesclar o maior quantitativo possível do elemento branco, a fim de embranquecer a sociedade brasileira. Por isso, nesse período histórico, havia um grande estímulo à imigração europeia, como destaca Filho (2018, p. 68), em relação à postura de Romero: "Para Romero, especificamente, a alternativa para se buscar a identidade seria favorecer a imigração europeia do homem branco, considerado o trabalhador ideal, espalhando tais imigrantes no território brasileiro de maneira racional".

Já de acordo com Santos (2012), em um segundo movimento social, os planos não só eugenicistas, baseados na seleção dos seres humanos levando-se em conta suas características hereditárias com objetivo de melhorar as gerações futuras, como também sanitaristas caminharam juntos no Brasil, disseminando ideias como a eugenia preventiva, com o controle dos fatores genéticos por meio do saneamento ambiental; a eugenia positiva, com a educação, o incentivo e a regulação da procriação dos considerados capazes; e a eugenia negativa, com o impedimento da procriação dos considerados incapazes. Essas medidas visavam "tirar o país do atraso", visto que, segundo essa perspectiva, a miscigenação era entendida como sinônimo de degeneração. No âmbito das referidas correntes de pensamento, o negro era entendido como um símbolo de atraso e, por isso, precisava ser eliminado ou branqueado. Nesse sentido, para alguns intelectuais, o

cruzamento das raças não era algo negativo, mas sim um caminho viável para que houvesse, paulatinamente, uma mestiçagem com vistas ao embranquecimento da população brasileira.

Atrelada a esse contexto sociorracial, a noção de colonialidade também atravessou a produção literária do século XIX, reforçando um mecanismo de subordinação dos países colonizados aos colonizadores europeus na esfera política, econômica, cultural e educacional. Como defendem Oliveira e Candau (2010, p. 19): "apesar de o colonialismo tradicional ter chegado ao fim, para autores do grupo Modernidade/Colonialidade as estruturas subjetivas, os imaginários e a colonização epistemológica ainda estão fortemente presentes". Esta lógica da colonialidade operou também no cenário editorial brasileiro da época, refletindo a hegemonia de uma branquitude³ que detinha a maior parte da produção literária. Consequentemente, houve poucas publicações de obras escritas por autores negros, cujas vozes não eram – e ainda não são – legitimadas, especialmente no que diz respeito ao grande mercado editorial:

No século XIX, momento em que a ideia de literatura brasileira começa a tomar forma, houve 11 publicações individuais de contos afro-brasileiros e 10 romances afro-brasileiros publicados, contudo, por cinco autores: Francisco de Paula Brito, José do Patrocínio, Machado de Assis, Maria Firmina dos Reis e Antônio Gonçalves Crespo (OLIVEIRA; RODRIGUES, 2016, p. 97).

Além do monopólio da branquitude no âmbito da autoria no decorrer e, principalmente, no final do século XIX, esse domínio se deu nos próprios textos literários, já que nesse período as narrativas e os personagens negros eram majoritariamente construídos sob uma perspectiva que difundia estereótipos, a partir da visão de autores brancos, como afirma Merián (2008, p. 51): "afinal os escritores procuravam, no fim do século XIX, ilustrar no campo cultural, as teorias levadas da Europa sobre a superioridade dos brancos em relação a todos os aspectos da civilização e da cultura".

³ De acordo com Schucman (2012), entende-se como branquitude a "construção sócio-histórica produzida pela ideia falaciosa de superioridade racial branca, e que resulta, nas sociedades estruturadas pelo racismo, em uma posição em que os sujeitos identificados como brancos adquirem privilégios simbólicos e materiais em relação aos não brancos" (SCHUCMAN, 2012, p. 7).

Tal afirmação é reverberada por meio de obras que, assim como *Bom-Crioulo*, inserem-se no contexto dos movimentos literários Realismo e Naturalismo, movimentos que surgem, em grande parte, como consequência do advento do positivismo, do evolucionismo e das ideias do progresso científico do final do século XIX. A divulgação dessas correntes literárias teve início na *Revista Brasileira*, com as críticas dos livros do escritor português Eça de Queiroz: *O crime do Padre Amaro* (1875) e *O primo Basílio* (1878). No Realismo, as obras geralmente apresentam as seguintes características: linguagem simples e direta; heróis construídos como pessoas comuns com defeitos, incertezas e manias, e personagens retratados com uma abordagem psicológica. Já no Naturalismo, as peculiaridades mais recorrentes são: linguagem simples; uso de regionalismos; e personagens animalizados e patologizados. Nos dois movimentos literários, os personagens são construídos discursivamente, em sua maioria, sob a perspectiva de uma colonialidade que reforça estereótipos e ilustra características da subalternidade.

Um exemplo que serve para ilustrar esse cenário é *O mulato*, considerado um romance realista-naturalista. Escrito por Aluísio Azevedo e publicado em 1881, há a presença evidente de uma supremacia branca nesta obra. E isso pode ser percebido a partir da eliminação de um personagem negro ao longo de seu enredo: Raimundo, filho de uma relação interracial entre o fazendeiro José Pedro Silva e a escravizada Domingas. Após a esposa de José, Inocência de Freitas Santiago, descobrir essa traição, ordenou queimar as genitálias da escravizada. Nesse contexto de sofrimento, Raimundo foi levado para Portugal, onde recebeu boa educação e se formou em Direito. Quando voltou ao país, apaixonou-se por sua prima Ana Rosa, filha de Manoel, mas os dois foram proibidos de se relacionar pelo fato de Raimundo ser de origem negra. Nas palavras do narrador, "ele possui traços de mulato claro, uma educação que recebeu nas melhores universidades portuguesas e europeias. Pesa-lhe, porém o estigma da mestiçagem: não tem 'sangue limpo'" (MÉRIAN, 2008, p. 52). No final da trama, os dois

morreram em uma tentativa de fuga.

Outro romance que demonstra a eliminação do personagem negro é *O cortiço*, também escrito por Aluísio Azevedo e publicado em 1890. Classificado como naturalista, o livro traz em seu enredo a história do personagem João Romão, um imigrante português, dono do cortiço e de uma pedreira, que tinha como gerente o português Jerônimo, descrito como honesto e dotado de nobreza de caráter. No entanto, seduzido por uma mulher negra – Rita Baiana – assassinou o namorado desta, o capoeirista Firmino. Logo, Jerônimo abandonou a esposa e foi viver com Rita. Desde então, entrou em um processo de decadência física e moral, terminando como alcoólatra. Nessa narrativa, Rita Baiana é, de certa forma, responsável pela degradação de Jerônimo.

No curso da história, no contexto literário nacional, as personagens femininas negras têm tido suas imagens frequentemente ancoradas em um passado escravista, em que eram consideradas apenas como um "corpo-produto" e um "corpo-objeto", como destaca Palmeira (2010, p. 2): "No que concerne à representação hegemônica da mulher negra na literatura brasileira, desde o período colonial até a contemporaneidade, nota-se que esta tem sido apresentada a partir de discursos demarcados negativamente".

Na grande maioria das obras literárias brasileiras do final do século XIX, como ocorre nos romances de Aluísio Azevedo mencionados, os personagens negros representam sujeitos subalternos. De acordo com Evaristo (2009):

Destacando a roupagem estereotípica com a qual os negros são vestidos em várias obras brasileiras, é possível ressaltar um imaginário construído em que o sujeito negro surge destituído do dom da linguagem. Uma afasia, um mutismo, uma impossibilidade de linguagem caracteriza muitas das personagens ficcionais negras, sob a pena de muitos autores (EVARISTO, 2009, p. 22).

Nesse contexto, mesmo quando o personagem negro é protagonista, como no caso da obra *Bom-crioulo*, não tem a possibilidade de conduzir a narrativa. No romance de Adolfo Caminha, o narrador é de terceira pessoa e onisciente,

ou seja, posiciona-se fora da história, mas tem consciência das emoções e dos pensamentos dos personagens, como pode ser observado no seguinte trecho, em que é descrita a sensação do protagonista quando se torna um homem livre do regime escravocrata: "A liberdade entrava-lhe pelos olhos, pelos ouvidos, pelas narinas, por todos os poros, enfim, como a própria alma da luz, do som, do odor e de todas as cousas etéreas" (CAMINHA, 1999, p. 18).

A presença do personagem Amaro no referido livro evidencia as opressões de diversas ordens, relativas à raça, gênero e sexualidade, já que ele é um homem negro e homossexual, presente em um enredo ambientado no século XIX. Ao ampliar a discussão sobre os subalternos na literatura, a obra atua como uma espécie de vanguarda. Ao mesmo tempo, "as cenas de homoerotismo explícito, que tornaram o romance tão novo e pioneiro para uma produção literária de 1895, geraram críticas agressivas dos guardiões da cultura no Rio de Janeiro" (DALCASTAGNÉ, [2009]). O livro foi recebido pela crítica literária da época como um escândalo e classificado como imoral, o que conduziu seu autor a se posicionar:

Caminha respondeu a seus detratores com o artigo "Um livro condenado", que apareceu muitos meses depois da publicação de *Bom Crioulo*, em 1896, no segundo número de *A Nova Revista*, um periódico literário que ele tinha acabado de fundar. "Foi um verdadeiro escândalo o ato inquisitorial da crítica, talvez o maior escândalo do ano passado", lamentou (DALCASTAGNÉ, [2009]).

Considerando-se que o romance apresenta uma perspectiva ora impregnada pela colonialidade e pela superioridade branca, devido à forma como o personagem principal é construído ao longo da obra, ora pioneira, por trazer em seu enredo um protagonista negro e homossexual, na próxima seção discutiremos mais detalhadamente a relação entre subalternidade e o personagem Amaro, com foco em questões relativas à masculinidade negra e à afetividade.

3 Masculinidade negra e afetividade: uma análise do personagem subalterno Amaro

Para tratarmos da questão da subalternidade e da sua relação com o personagem Amaro, faz-se necessário rememorar o contexto em que o romance de Adolfo Caminha foi publicado. Como afirmamos anteriormente, *Bom-Crioulo* foi lançado no ano de 1895, em um momento político e social repleto de rupturas e continuidades relacionadas ao modelo político monárquico vigente até então, que estava sendo substituído pela República, a qual ao mesmo tempo em que colocava em cena novos protagonistas na política, mantinha o povo como grande plateia observadora dos fatos. O advento da abolição da escravidão em 1888 e o nascimento da República em 1889 podem nos localizar quanto à questão temporal histórica, já que, nos primeiros anos após esse período, o Brasil estava em processo de reconfiguração política com a promulgação da Constituição de 1891 e buscava, assim, estabelecer-se enquanto nação, frente a um crescente processo de industrialização motivado pelo capitalismo. Esse processo ocasionou uma migração de pessoas do campo para a cidade, que culminou no crescimento demográfico urbano, ainda que nesse período, economicamente, o Brasil tivesse uma estrutura agrária e uma mão-de-obra campesina.

Esses aspectos são mencionados na narrativa de Adolfo Caminha que, ao escrever sobre a história do personagem Amaro, conduz-nos ao período pré-abolição, trazendo à cena a fuga do referido protagonista da fazenda em que era mantido na condição de escravizado:

Inda estava longe, bem longe a vitória do abolicionismo, quando Bom-Crioulo, então *simplesmente* Amaro, veio, ninguém sabe donde, metido em roupas d'algodãozinho, trouxe ao ombro, grande chapéu de palha na cabeça e alpercatas de couro cru (CAMINHA, 1999, p. 10, grifo nosso).

Na parte grifada do trecho acima, identificamos uma separação entre Amaro e Bom-Crioulo em duas personalidades diferentes em um mesmo personagem. Entendemos que a designação por meio do nome próprio do protagonista nos

remete à ideia de separar Amaro (na condição de homem escravizado) e Bom-Crioulo (na condição de homem livre). É interessante notar certa contradição ao considerarmos um romance publicado no final do século XIX que dê nome a um personagem negro e homossexual e o coloque como figura central da narrativa, ao mesmo tempo em que as condições para que isso aconteça se desenrolem no processo de construção dos ideais de nação e civilização na então nascente República. Nesse período histórico, os negros estavam completamente deslocados de qualquer reparação e integração social a não ser por sua entrada nas Forças Armadas, que supostamente lhes possibilitaria uma melhor condição de vida.

Por mais que o romance trate de colocar um homem negro como personagem principal, é perceptível que o ponto de vista do narrador não se inscreve dentro das cosmovisões africanas. Dessa forma, o prazer e a dor de Amaro são circunscritos à esfera da sexualidade desordenada, e seus desejos são tidos como anormais, bem como o seu corpo, que é visto como um corpo não-humano. O narrador traz em Amaro a ideia do que seria a representação de um subalterno, mas, dentro do contexto sócio-histórico em questão e, a partir de uma perspectiva racial, vemos que há uma relação entre opressor e oprimido quando a voz narrada representa de modo figurativo a voz do oprimido, ao mesmo tempo em que revela o preconceito do opressor. Como pontua Grada Kilomba:

Essa cisão evoca o fato de que o *sujeito branco* de alguma forma está dividido dentro de si próprio, pois desenvolve duas atitudes em relação à realidade externa: somente uma parte do ego – a parte “boa”, acolhedora e benevolente – é vista e vivenciada como “eu” e o resto – a parte “má”, rejeitada e malévola – é projetada sobre a/o “*Outra/o*” como algo externo. O *sujeito negro* torna-se então tela de projeção daquilo que o *sujeito branco* teme reconhecer sobre si mesmo, neste caso: a ladra ou o ladrão violenta/o, a/o bandida/o indolente e maliciosa/o (KILOMBA, 2019, p. 37, grifo da autora).

Um “crioulo” só pode ser bom quando está a serviço do outro e esse outro é o homem branco, representado não só pelos oficiais da Marinha, como também por toda a sociedade branca

patriarcal. Quando há um comportamento considerado desviante por parte desse “crioulo”, ele é visto como ruim e não vale mais do que um “crioulo”: nada. O que Kilomba (2019) destaca é que há aí uma necessidade de representar esse “outro” subalternizado carregado com o que a classe dominante não quer se parecer.

A voz subalterna teria sua representatividade medida pelo que o opressor considera desejável e aceitável e isso inclui apresentar o subalterno como membro de um grupo que se dispõe a servir aos desejos do opressor, sendo boa e, às vezes, até necessária sua participação. Porém, haverá sempre de se lembrar que o lugar que ele ocupa – o de subalterno – é um retrato daquilo que não se quer ver e enxergar e, dessa forma, sua condição de inferioridade é evocada para justificar seu espaço, reprimindo a sua voz e singularidade. Logo, a voz de Bom-Crioulo não é a mesma de Amaro. Manter o nome próprio do personagem poderia conferir um protagonismo contra-hegemônico que o opressor não quer fornecer ao oprimido. Ao nomeá-lo como “Bom-Crioulo”, o autor o coloca na condição estática de subalternizado e silenciado, o que dialoga com o que abordamos na primeira seção deste artigo.

Podemos somar a toda essa conjuntura política e social o fato de que a literatura produzida no final do século XIX tinha um público consumidor crescente, pois, como discutimos na segunda seção, esse período histórico foi profundamente marcado pelo surgimento de narrativas nos movimentos estético-literários do Realismo e do Naturalismo, tendo Adolfo Caminha sido “beneficiado pela expansão do mercado editorial e do público leitor na década de 1890” (MENDES, 2012, p. 96). A trajetória de Caminha, que sai do Nordeste e vem para o Rio de Janeiro em busca de ascensão social, é fundamental para entendermos que suas publicações ganham espaço em uma cidade que era o epicentro cultural e político do Brasil daquela época. Assim, suas obras têm como primeiros leitores homens brancos que se localizavam nos espaços editoriais e que chancelavam os discursos para que os livros pudessem ser publicados. No entanto, temos

duas questões pertinentes para entendermos que *Bom-Crioulo* é, ao mesmo tempo, um romance contra-hegemônico e uma obra que subalterniza a voz do personagem principal.

A primeira questão seria "externa" ao romance em si. Adolfo Caminha é um autor que publicou três romances, um livro de viagem e um artigo de crítica literária (MENDES, 2012), o que era pouco para um escritor, mas, ao mesmo tempo, concebível, já que ele morreu aos trinta anos, de tuberculose, tendo sua carreira interrompida precocemente. Seus textos eram desconsiderados pela crítica na época e o fato de não conseguir se articular dentro do mercado o faziam ser considerado um autor marginalizado:

Por um lado, ele praticava uma estética – o naturalismo – que nunca foi realmente compreendida pela tradição crítica hegemônica, de Machado de Assis e José Veríssimo a Alfredo Bosi. [...] Por outro lado, Caminha era incapaz de estabelecer laços de amizade e forjar alianças com outros agentes do campo, de fazer parte de uma "tribo" (como fez Aluísio) que o apoiasse nas batalhas pelo reconhecimento [...], tornando-se, desde cedo, um intelectual marginalizado (MENDES, 2012, p. 97).

Logo, entendemos que, ao produzir um romance com personagens homossexuais pelo viés de uma estética naturalista, o autor estaria furando um bloqueio de produções e escritas que se baseavam em construções de relações geralmente heteronormativas, fato que o coloca na prateleira de autor marginalizado e contra-hegemônico para a época.

A segunda questão se relaciona com os seguintes questionamentos: Onde as produções literárias de Adolfo Caminha circulavam? Quem eram os seus leitores? Será que a narrativa realmente representa a voz e o lugar de fala dos excluídos que estão colocados em cena – no caso de Amaro, um homem negro e gay? Partindo do pressuposto de que o público leitor que tinha acesso aos textos literários na época era majoritariamente privilegiado no sentido de saber ler e ter poder de compra, pensamos que boa parte da população negra talvez não tivesse conhecimento do romance e nem poder aquisitivo para consumi-lo. Se considerarmos, ainda, que os textos de

Adolfo Caminha são praticamente "esquecidos" ao longo do tempo pela crítica literária hegemônica, podemos, então, afirmar que seria muito improvável que seu romance construísse um diálogo com as expectativas presentes nas expressões identitárias, uma vez que, tanto o autor, quanto a narrativa e a circulação da obra não estão "onde o povo negro está" (DUARTE, 2010, p. 134).

Retornando para o enredo, o protagonista sai do processo de invisibilidade, dor e sofrimento no momento em que acessa os códigos e etiquetas da sociedade brasileira àquela época: branca e patriarcal dentro de uma lógica de poder representada pelo militarismo. Ao ser denominado Bom-Crioulo, o personagem se distancia dos estereótipos de negro bárbaro, primitivo e "fujão", na medida em que apresenta características físicas exuberantes como uma espécie de qualidade inerente a sua raça: "o peito largo e rijo, os braços, o ventre, os quadris, as pernas, formavam um conjunto respeitável de músculos, dando uma ideia de força física sobre-humana" (CAMINHA, 1999, p. 13). Desse modo, os atributos citados o faziam ser respeitado, admirado, mas também temido por ter um porte quase animalizado. Outro fato que nos chama a atenção está relacionado à ideia de se esquecer o passado como uma condição primária para uma felicidade nunca antes experimentada:

No princípio, antes de ir para bordo, foi-lhe difícil esquecer o passado, a "mãe Sabina", os costumes que aprendera nos cafezais... Muita vez chegava a sentir um vago desejo de abraçar os seus antigos companheiros do eito, mas logo essa lembrança esvaía-se como a fumaça longínqua e tênue das queimadas, e ele voltava à realidade, abrindo os olhos, num gozo infinito para o mar crivado de embarcações (CAMINHA, 1999, p. 11).

A narrativa nos mostra que Amaro, agora Bom-Crioulo, é um personagem que tem sua importância medida pelas "escolhas" sociais que lhe são impostas. O que um homem negro precisa ser para aparecer como central em uma narrativa? Abraçar as condutas morais do militarismo e ter uma forma física exuberante? Ser denominado, simultaneamente, por um adjetivo positivo ("Bom") e por sua raça, de forma ofensiva ("Crioulo"), sendo apagada a referência ao nome que lhe conferia

uma subjetividade? Ao considerarmos o contexto histórico, social e político do período em que o enredo se desenvolve, temos a impressão de que é determinado um lugar específico para esse sujeito. A disputa entre colonizador e colonizado é evidente quando vemos um discurso que fala, pensa e sente pelo colonizado. O negro pode aparecer, falar e até ser o personagem principal de um romance, desde que seja carregado de estereótipos que o reduzam a uma única forma de ser.

Outro ponto importante a ser destacado é que o desejo do personagem de esquecer sua mãe biológica – a mãe Sabina – e os costumes do seu povo é intencional. Entendemos que o processo de esquecimento das raízes e da mãe África presentes nesse trecho da narrativa libertaria esse homem para o novo mundo, onde, por mais subalternas que fossem suas condições, seriam, ainda assim, melhores do que o sofrimento vivenciado na senzala. Amaro, então, representaria o desejo que todo homem negro teria: deixar de lado suas origens e abraçar a condição de uma liberdade que lhe é oferecida. Além disso, o fato de Amaro buscar se esvaír do passado e da saudade que sentia dos seus é também uma forma de embranquecer o personagem. Estabelecemos aqui um diálogo com o psiquiatra e filósofo martinicano Frantz Fanon, ao afirmar que, quando o homem negro está inserido em um contexto de branquitude, a busca pelos afetos e por ser amado vai estar indiretamente ligado ao desaparecimento das suas raízes e ao profundo desejo de ser branco: “Da parte mais negra de minha alma, através da zona de meias-tintas, me vem este desejo repentino de ser branco. Não quero ser reconhecido como negro, e sim como branco” (FANON, 2008, p. 69).

Essa busca por reconhecimento e visibilidade atravessa a vida de Amaro durante todo o seu processo de aprendizado na Marinha. E assim percebemos como essa construção de masculinidade representará para o homem negro, marcado pela subalternidade, o fardo de ter que mostrar ser “duas vezes mais homem” para ser reconhecido, integrado socialmente, e digno de ser amado, no caso de Amaro, por homens

brancos. Como nos adverte Sueli Carneiro, há uma intensa disputa no campo da sexualidade que também é categorizado em uma hierarquia de gênero através da raça, dado que o “racismo também superlativa os gêneros por meio de privilégios que advêm da exploração e exclusão dos gêneros subalternos. Institui para os gêneros hegemônicos padrões que seriam inalcançáveis numa competição igualitária” (CARNEIRO, 2003, p. 117). O sociólogo Deivison Mendes Faustino também aponta para essa subalternização do gênero em relação às expectativas a respeito da masculinidade negra ao asseverar que:

O homem negro deve ser “macho ao quadrado” em todas as situações exigidas, e só a partir desses atributos será reconhecido... a própria afirmação do subalterno não prescinde dos atributos oferecidos pelo opressor, a ausência ou a deficiência de algum elemento relacionado ao corpo terá consequências catastróficas para a identidade deste homem. O negro que não conseguir exibir alguns dos atributos desta hipervirilidade supermasculina estará traindo/frustrando sua raça e sua masculinidade. Se este homem negro é gay [...] este indivíduo será pior que nada (FAUSTINO, 2014, p. 91).

No início do romance, observamos o que era comum na época em que o enredo é ambientado: castigos a chibatadas aos marinheiros indisciplinados. No primeiro capítulo, Amaro é castigado com 150 chibatadas por ter cometido uma transgressão, ao passo que seus outros dois colegas levaram 25, e um deles também era negro. Quais motivos explicam tamanha diferença entre os castigos? Amaro era gajeiro de proa, um tipo de cargo fiscal. Seu comportamento, porém, após 10 anos de viagens embarcando para diversos lugares, começa a mudar. O narrador relata um descontentamento de Amaro, uma espécie de desencanto pelo serviço (ao que parece, o esforço empreendido por Amaro não é reconhecido pelo alto escalão da Marinha), o que o faz ser displacente, violento e brigão, além de começar a se envolver com o álcool. Qualquer mínimo deslize seria motivo para puni-lo, apesar de ainda ser muito temido pelo seu porte físico avantajado. Quando Amaro comete sua primeira transgressão, torna-se um objeto nas mãos da inquisição da branquitude, que vê uma oportunidade de causar

dor e sofrimento a um homem que estaria fadado ao fracasso de nunca estar à altura de ascender socialmente ainda que possuísse muitas qualidades físicas invejáveis, mas que não o humanizam e só o monstrificam devido a seu comportamento violento. Dessa forma, seu castigo deve servir de exemplo e ser maior do que o de todos os outros. O que se espera de um homem negro, afinal? Sobre isso, Fanon (2008) afirma:

Ainda no plano genital, será que o branco que detesta o negro não é dominado por um sentimento de impotência ou de inferioridade sexual? Sendo o ideal de virilidade absoluto, não haveria aí um fenômeno de diminuição em relação ao negro, percebido como um símbolo fálico? O linchamento do negro não seria uma vingança sexual? Sabemos tudo o que as sevícias, as torturas, os murros, comportam de sexual. Basta reler algumas páginas do Marquês de Sade para nos convenceremos... A superioridade do negro é real? Todo o mundo sabe que não. Mas o importante não é isso. O pensamento pré-lógico do fóbico decidiu que é assim (FANON, 2008, p. 139).

A busca por reconhecimento, tendo o outro como ponto de partida, coloca o homem negro, marcado pela subalternidade, em uma situação complexa. O que se espera é que seu comportamento seja ruim. A sociedade já normatiza isso quando pensa na punição a um bandido. Quando o homem negro foge dessa lógica, precisa provar que é bom, diferente daquilo que imaginam que ele seja e que a sociedade colonialista criou em torno de sua imagem – incapaz, preguiçoso e violento. Considerando-se a obra de Adolfo Caminha, Amaro tenta por 10 anos buscar um reconhecimento que não vem e isso aponta para o fato de que, por mais que ele fosse livre e abraçasse os códigos da branquitude, em seu primeiro deslize, o castigo recebido teria o mesmo peso daquele que recebera nas fazendas na condição de escravizado. Essa condição fica explícita na seguinte passagem:

Diabo de vida sem descanso! O tempo era pouco para um desgraçado cumprir todas as ordens. E não as cumprisse! Golilha com ele, quando não era logo metido em ferros... Ah!

vida, vida!... Escravo na fazenda, escravo a bordo, escravo em toda a parte... E chamava-se a isso de servir à pátria! (CAMINHA, 1999, p. 26).

Bom-Crioulo era estimado pelo seu corpo. Em todo instante a sua corporeidade chega primeiro e não pode ser despercebida. A colonialidade forja a masculinidade negra a ser reconhecida pelo corpo e, nas mais diversas dimensões que o corpo tem, o de um homem negro se torna alvo da hiperssexualização. Na visão de Faustino (2014),

o campo do corpo [...] é o único em que o criado supermasculino pode se expressar e ser valorizado. Mas não nos enganemos: trata-se de uma valorização alienada e inferiorizante, já que o branco, atolado em seu narcisismo, projeta no negro a outridade de suas próprias castrações e recalque (FAUSTINO, 2014, p. 85-86).

No caso dos homens negros, seus corpos são vistos como fortes fisicamente e suscetíveis para o ato sexual e para o trabalho braçal – jamais intelectual – além de preparados para serem violentos ou violentados. Nesse último caso, é importante ressaltar que as políticas de violência contra o povo negro não terminam na escravidão. O conceito de necropolítica⁴ mostra que o Estado ainda hoje escolhe quem deve viver e quem deve morrer. Essa dimensão do corpo, que forja a masculinidade dos homens negros, não leva em consideração seus afetos mais profundos e o desejo de serem amados que, em muitos casos, vai estar atravessado pelo machismo, já que a masculinidade negra – vinculada a um grupo subalternizado – é moldada a partir de valores impostos pelo patriarcado branco, ligado ao grupo dominante.

Esse espírito determinista inspirava os mais diversos ideários políticos e ideológicos do século XIX, influenciando a percepção de mundo de Adolfo Caminha e a construção do romance *Bom-Crioulo*. É importante ressaltar que, até os dias de hoje, vemos como essas práticas discriminatórias ainda são tão comuns. Quando o ser humano começa a se tornar objeto científico das ciências, a biologia surge como uma das

⁴ Necropolítica é um conceito desenvolvido pelo historiador e filósofo camaronês Achille Mbembe, no ensaio chamado "Necropolítica" (2016), no qual faz uma análise social, política e filosófica a respeito das ações do Estado quando não cumpre seu papel de proteger e cuidar dos cidadãos menos favorecidos em relação aos mais privilegiados definindo, assim, um controle social através da morte.

medidas para explicar a diferença entre as raças e as culturas, porém sempre partindo da Europa e tendo o homem europeu como modelo último de civilidade e intelectualidade. Qualquer outro padrão de humanidade ou civilidade era desconsiderado ou tido como primitivo e bárbaro. Isso fica explícito no seguinte trecho do romance:

Durante meses viveu ele uma vida calma, escrupulosamente pautada, rigorosamente metódica, cumprindo seus deveres a bordo, vindo à terra duas vezes por semana em companhia de Aleixo, sem dar motivo a castigos ou recriminações. Até os oficiais estranhavam-lhe o procedimento, admiravam-lhe os modos. — “Isso é coisa passageira, insinuava o tenente Souza. Breve temo-lo aqui, bêbedo e medonho. Sempre o conheci refratário a toda norma de viver. Hoje manso como um cordeiro, amanhã tempestuoso como uma fera. Cousas de caráter africano (CAMINHA, 1999, p. 31).

Os personagens brancos não reconhecem o comportamento “adequado” daquele que eles mesmos inventaram para ser semelhante ao que eles eram. A branquitude carnavaliza a negritude e o jeito de ser negro e se surpreende caso ele seja um tipo outro, normatizando o ser negro quando este é marginalizado e inferiorizado e escandalizando-o quando sua ação foge a algum tipo de estereótipo africanizado. É o que aponta Faustino (2014), com relação a uma luta de classes entre os corpos e suas construções de subjetividades:

Inspirado na dialética hegeliana do senhor e do escravo, Cleaver afirma, neste esquema, que o corpo do criado supermasculino torna-se – justamente por ser “supermasculino” – uma ameaça (real e simbólica) constante do administrador onipotente, e este, mesmo detendo o controle sobre o corpo do criado, não consegue esconder o medo e a inveja do vigor deste outro negado em si (FAUSTINO, 2014, p. 80).

Ao longo de *Bom-Crioulo*, uma outra questão relativa à subalternidade de Amaro é sua paixão profunda por Aleixo, personagem descrito como “o belo marinheirito de olhos azuis” (CAMINHA, 1999, p. 14). O romance interracial não pode ser lido apenas na ótica de um drama sentimentalista, visto que são nítidos os recortes raciais ao longo da trama. Assim, Amaro pode ser entendido não apenas como um personagem negro, mas como

o produto de uma leitura social sobre o negro naquele período histórico.

A visão do narrador não se distancia do seu tempo e reproduz preconceitos e estereótipos sobre o personagem que, apesar de ser negro e central no enredo – o que o tornaria contra-hegemônico dentro do contexto literário da época – é subalternizado na medida em que seus afetos, decisões e falas são relegados a um lugar inferior devido à sua negritude. Há também uma crise de identidade tanto por parte de Amaro, quanto por parte de Aleixo em relação à sexualidade, pois a homossexualidade era vista como uma anormalidade que fugia da condição natural de ser homem. Amaro, por um momento, tenta repreender seu sentimento pelo grumete: “E agora, como é que não tinha forças para resistir aos impulsos do sangue? Como é que se compreendia o amor, o desejo da posse animal entre duas pessoas do mesmo sexo, entre dois homens?” (CAMINHA, 1999, p. 17).

De acordo com o narrador, Amaro não consegue controlar seus desejos e toma atitudes impensadas a partir do momento em que seu ímpeto sexual o faz perder a racionalidade. O fato de ter relações sexuais com Aleixo o fazia feliz e assim ele não mede esforços para agradá-lo, além de aconselhá-lo, já que era um marinheiro experiente, e, sobretudo, protegê-lo de qualquer castigo ou injúria que pudesse receber. Os afetos de Amaro ao longo do tempo são percebidos por Aleixo como uma espécie de proteção desinteressada e que, com o tempo, passa a ser benéfica para o tão jovem marinheiro. Amaro consegue alugar um quarto para os dois no momento em que chegam com o navio e atracam no Rio de Janeiro. Começam a viver e dormir juntos sem a preocupação de serem flagrados por outras pessoas. No entanto, após Amaro ser transferido de navio, seu retorno à terra passa a ser menos frequente. Aleixo não sente a ausência de Amaro e já não quer mais corresponder sentimentalmente aos caprichos de um negro. Sente-se controlado por Amaro e anseia conhecer “algum homem de posição, de dinheiro: já agora estava acostumado ‘àquilo!’...” (CAMINHA, 1999, p. 37).

O recorte racial atravessa também o imaginário do narrador em relação à mulher negra – mesmo que não haja qualquer personagem feminina negra no romance – na medida em que Amaro, ao descobrir que Aleixo só havia retornado uma vez ao quarto alugado durante suas folgas, “precisava tomar uma resolução: abandonar o Aleixo, acabar de uma vez, meter-se abordo, ou então amigar-se aí com uma rapariga de sua cor e viver tranquilo” (CAMINHA, 1999, p. 45). Aleixo, na ausência de Amaro, começa a se envolver com D. Carolina, uma portuguesa que alugava o quarto para os dois.

No decorrer do romance, os personagens são construídos no âmbito de um padrão hegemônico de masculinidade, padrão esse que gera nos homens cobranças e expectativas como, por exemplo, a concepção de dominação de um sobre o outro em uma relação afetiva com uma mulher ou com um homem, como no caso específico de Bom-Crioulo. Além disso, fica evidente o não cuidado dos homens com sua saúde mental e física.

O alcoolismo de Amaro é tratado com naturalidade e não como uma questão de saúde. O narrador também contextualiza o que parece ser o início da epidemia de febre amarela no Rio de Janeiro e sinaliza a despreocupação dos marinheiros com suas condições de saúde e higiene. Os castigos físicos recebidos por Amaro são internalizados por ele e demonstram, de certa forma, que o direito de expressar a dor pode ser entendido como uma vitória do branco sobre o negro ou uma demonstração de fraqueza. A retenção das dores de diversos homens negros durante os períodos de escravidão e pós-abolição imprimiu diversos aspectos complexos de inibição das multiplicidades sentimentais. Sobre as dores do homem negro, bell hooks afirma:

Homens negros são incapazes de articular completamente e reconhecer a dor em suas vidas. Eles não têm um discurso público ou um espaço dentro da sociedade racista que lhes permita falar a respeito da sua dor. Infelizmente homens negros com frequência evocam a retórica racista que identifica o homem negro como animal, falando de si mesmos como “espécies em extinção”, como “primitivos”, em suas súplicas para ter seu sofrimento reconhecido (hooks, 2019, p. 87).

São essas dores que Amaro retém ao longo de todo o seu processo de separação de Aleixo. A masculinidade de Amaro é elaborada em um contexto altamente colonialista que vê apenas seu corpo, sem alma, suas dores encaradas como loucura e suas frustrações tidas como esperadas. Essa perspectiva ultrapassa a literatura, de modo que ainda hoje permeia a teia de relações afetivas de homens negros, que precisam redefinir suas masculinidades a partir da origem de suas ancestralidades. Esse é o convite presente na canção “Um corpo no mundo”, interpretada por Luedji Luna: “Eu sou um corpo/Um ser/Um corpo só/Tem cor, tem corte/E a história do meu lugar/Eu sou a minha própria embarcação/Sou minha própria sorte” (UM CORPO..., 2017).

Spivak (2014) nos leva a pensar nos modos de representação que essencializam o sujeito na história, principalmente quando traz a ideia de um sujeito que é representado por não ter condições de se autorrepresentar (*vertretung*) ou de um sujeito que é representado de maneira dramática, quase que exótica (*darstellung*). A subalternidade de Amaro, portanto, é essencializada na medida em que não se consideram as múltiplas formas de ser homem e de ser negro no mundo. Fica evidente, no desfecho de *Bom-Crioulo*, quando o protagonista, em uma fuga do hospital-prisão do navio, encontra Aleixo e o assassina com uma navalhada, que, até no momento da morte, o cadáver de Aleixo ganha mais atenção da multidão ao redor, enquanto Amaro é esquecido e deixado de lado. Assim, entendemos que o silenciamento e o esquecimento se apresentam durante todo o enredo e desconsideram a heterogeneidade de um personagem que é atravessado por uma violência epistêmica mesmo sendo central no romance.

Considerações finais

Neste artigo, tivemos como objetivo analisar como se constrói a condição de subalternidade do protagonista de *Bom-Crioulo*. Para tanto, apresentamos na primeira seção o conceito de subalternidade elaborado por Gramsci (1999, 2000) e ressignificado por Spivak (1987, 2014). Também relacionamos as referidas concepções a questões de raça, gênero e

sexualidade, visto que o protagonista do romance é um homem negro homossexual. Em seguida, partindo de uma articulação entre linguagem e sociedade, contextualizamos historicamente e esteticamente o romance de Adolfo Caminha, trazendo aspectos relacionados a teorias científicas em vigor no final do século XIX, tais como o darwinismo social e a eugenia, e aos movimentos literários Realismo e Naturalismo. Posteriormente, abordamos a subalternidade do personagem Amaro, com foco em questões relativas à masculinidade negra e à afetividade

Nesse sentido, retomando a pergunta presente no título – “pode o sujeito negro homossexual falar?” – pautada em Spivak (2014) –, arriscamos responder que não, no caso da literatura de Adolfo Caminha e seu romance *Bom-Crioulo*. Isso porque compreendemos que, mesmo sendo colocado na posição de protagonista, Amaro é construído pelo olhar de um narrador onisciente, de terceira pessoa, que conhece e conta toda a sua história. Além disso, no enredo, o personagem em questão sofre opressões de raça, gênero e orientação sexual simultaneamente, evidenciando sua condição de subalternidade e reforçando estereótipos que atravessam os homens negros no curso da história.

Bom-crioulo, como resultado de uma produção discursiva, justifica nossa compreensão de que a linguagem se efetiva para além da representação: ela é capaz de construir e intervir nas subjetividades, reiterando ou combatendo estigmas e preconceitos sociais. Diante disso, entendemos que o olhar sobre o subalterno nem sempre considera sua subjetividade e contribui para um debate antirracista, perpetuando-se, nesta condição, a perspectiva da branquitude na história da literatura do país. Portanto, é de suma importância que outros protagonistas subalternos nos romances brasileiros sejam construídos como formas de resistência a uma perspectiva hegemônica, colaborando, assim, para um cenário literário plural e diverso.

Referências

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Tradução de Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Difel, 2000.

CAMINHA, Adolfo. *Bom-Crioulo*. São Paulo: Ática, 1999.

CARNEIRO, Sueli. Mulheres em movimento. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 17, n. 49, p. 117-133, 2003.

COLLINS, Patricia Hill. *Pensamento feminista negro*. Tradução de Jamile Pinheiro Dias. São Paulo: Boitempo, 2019.

COUTINHO, Carlos Nelson. *Gramsci: um estudo sobre seu pensamento político*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

DALCASTAGNÉ, Regina. *Bom Crioulo*. In: *Todavia*. [S. l.]: 25 jul. 2019. Disponível em: <https://todavialivros.com.br/visite-nossa-cozinha/bom-crioulo>. Acesso em: 18 ago. 2020.

DUARTE, Eduardo de Assis. Por um conceito de literatura afro-brasileira. *Terceira Margem*, Rio de Janeiro, v. XIV, n. 23, p. 1-20, 2010.

EVARISTO, Conceição. Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade. *Scripta*, Belo Horizonte, v. 13, n. 35, p. 17-31, 2009.

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: Edufba, 2008.

FAUSTINO, Deivison Mendes. O pênis sem o falo: algumas reflexões sobre homens negros, masculinidades e racismo. In: BLAY, Eva Alterman (org.). *Feminismos e masculinidades: novos caminhos para enfrentar a violência contra a mulher*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014. p. 75-104.

FILHO, Cícero João da Costa. Raça e evolucionismo, as Ciências Sociais no Brasil: querela entre Sílvio Romero e Manoel Bonfim em torno da herança portuguesa na formação brasileira. *Intelligere: Revista de História Intelectual*, São Paulo, v. 6, n. 6, p. 62-87, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2447-9020.intelligere.2018.140464>. Acesso em: 30 maio 2020.

FIORIN, José Luiz. *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. São Paulo: Ática, 2006.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. Tradução de Laura Fraga de Almeida. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

GRAMSCI, A. *Cadernos do cárcere: introdução ao estudo da filosofia e a filosofia de Benedetto Croce*. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999. v. 1.

GRAMSCI, Antonio. A. *Cadernos do cárcere: os intelectuais, o princípio educativo, jornalismo*. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000. v. 2.

HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

hooks, bell. *Olhares negros: raça e representação*. Tradução de Stephanie Borges. São Paulo: Editora Elefante, 2019.

KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: episódios do racismo cotidiano*. Tradução de Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

MBEMBE, Achille. *Necropolítica. Artes & Ensaios*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 32, p. 121-151, dez. 2016.

MENDES, Leonardo. O crítico Adolfo Caminha e as batalhas pelo reconhecimento literário. *Fronteiras*, São Paulo, v. 1, n. 8, p. 94-103, jul. 2012.

MÉRIAN, Jean Yves. O negro na literatura brasileira versus uma literatura afrobrasileira: mito e literatura. *Navegações*, Porto Alegre, v. 1, n. 1, p. 50-60, mar. 2018.

MONASTA, Attilio. *Antonio Gramsci*. Tradução de Paolo Nosella. Recife: Fundação Joaquim Nabuco: Editora Massangana, 2010.

OLIVEIRA, Luiz Fernando de; CANDAU, Vera Maria Ferrão. Pedagogia decolonial e educação antirracista e intercultural no Brasil. *Educação em Revista*, Belo Horizonte, v. 26, n. 1, p. 15-40, abr. 2010.

OLIVEIRA, Luiz Henrique Silva de; RODRIGUES, Fabiane Cristiane. Panorama editorial da literatura afro-brasileira através dos gêneros romance e conto. *Em Tese*, Belo Horizonte, v. 22, n. 3, p. 90-107, 2016.

PALMEIRA, Francineide Santos. Escritoras negras e representações de insurgência. In: FAZENDO GÊNERO, g., 2010, Florianópolis. *Anais [...]*. Florianópolis: Fazendo Gênero, 2010. p. 1-13. Disponível em: http://www.fg2010.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1278265153_arquivo_francineidepalmeirafg9.pdf. Acesso em: 1 set. 2020.

ROCHA, Décio. Representação e intervenção: produção de subjetividade na linguagem. *Gragoatá*, Niterói, v. 21, n. 1, p. 355-372, 2006.

ROCHA, Décio. Representar e intervir: linguagem, prática discursiva e performatividade. *Linguagem em (Dis)curso*, Tubarão, v. 14, n. 3, p. 619-632, set./dez. 2014. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1982-4017-140310-4513>. Acesso em: 20 jun. 2020.

SANTOS, Ricardo Augusto dos. *Os intelectuais eugênicos: da abundância de nomes a escassez de investigação*. (1917-1937). In: SIMPÓSIO NACIONAL ESTADO E PODER: SOCIEDADE CIVIL, 7., 2012, Uberlândia. *Anais [...]*. Uberlândia: Núcleo de Pesquisas sobre Estado e Poder, 2012. p. 1-15. Disponível em: <https://www.historia.uff.br/estadoepoder/7snep/docs/046.pdf>. Acesso em: 4 set. 2020.

SCHUCMAN, Lia Vainer. *Entre o "encardido", o "branco" e o "branquíssimo": raça, hierarquia e poder na construção da branquitude paulistana*. 2012. 160 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

SCHWARCZ, Lília. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e pensamento racial no Brasil: 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SILVA, Ari Denisson da. O Rio de Janeiro pelos olhos de Lima Barreto: a partir de uma literatura de Triste fim de Policarpo Quaresma. *Leitura*, Maceió, v. 1, n. 49, p. 109-133, jan./jul. 2012.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *In Other Worlds: essays in cultural politics*. Nova York: Methuen, 1987.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?* Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa e André Pereira. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

UM CORPO no mundo. Intérprete: Luedji Luna. Compositor(es): Um corpo no mundo. In: UM CORPO no mundo. São Paulo: Ybmusic, 2017. 1 CD, faixa 4.

Carolina Marinho Marcilio

Mestranda em Relações Étnico-Raciais pelo Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (Cefet/RJ), no Rio de Janeiro, RJ, Brasil; especialista em Relações Étnico-Raciais e Educação pelo Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (Cefet/RJ), no Rio de Janeiro, RJ, Brasil; bolsista Cefet/RJ.

Elisamar Pereira Martins

Mestranda em Relações Étnico-Raciais pelo Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (Cefet/RJ), no Rio de Janeiro, RJ, Brasil; bacharel em Comunicação Social pela Universidade Veiga de Almeida (UVA), no Rio de Janeiro, RJ, Brasil; bolsista Capes.

Yago Jose Elo do Nascimento

Mestrando em Relações Étnico-Raciais pelo Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (Cefet/RJ), no Rio de Janeiro, RJ, Brasil; especialista em Cultura Africana pela Faculdade Campos Elíseos (FCE), em Barueri, SP, Brasil; inspetor de alunos da Prefeitura Municipal de Itaguaí, em Itaguaí, RJ, Brasil.

Luciana de Mesquita Silva

Doutora em Letras – Estudos da Linguagem pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (Puc-Rio), no Rio de Janeiro, RJ, Brasil; mestre em Letras – Teoria da Literatura pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), em Juiz de Fora, MG, Brasil; professora do Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (Cefet/RJ), em Petrópolis e no Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

Endereço para correspondência

Luciana de Mesquita Silva

Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca

Av. Maracanã, 229, Bloco E, 5º andar

Maracanã, 20271-110

Rio de Janeiro, RJ, Brasil

Os textos deste artigo foram revisados pela Poá Comunicação e submetidos para validação do(s) autor(es) antes da publicação.